

## **RESENHA DO LIVRO *FILOSOFIA RADICAL E UTOPIA: INAPROPRIABILIDADE, AN-ARQUIA, A-NOMIA*, DE ANDITYAS SOARES DE MOURA COSTA MATOS**

REVIEW OF THE BOOK *FILOSOFIA RADICAL E UTOPIA: INAPROPRIABILIDADE, AN-ARQUIA, A-NO*, BY ANDITYAS SOARES DE MOURA COSTA MATOS

MATOS, Andityas Soares de Moura Costa. *FILOSOFIA RADICAL E UTOPIA: INAPROPRIABILIDADE, AN-ARQUIA, A-NOMIA*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014. 308 pp.

É comum desqualificar um discurso chamando-o de panfletário. Panfleto é um escrito, normalmente curto como uma folha de papel, de propaganda política de quaisquer tendências ou de ataque frontal contra algo ou alguém, “que apoia com radicalismo uma ideia, um movimento, uma utopia, uma doutrina etc.”, crisa o *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa*.<sup>1</sup> Encontrados facilmente entre os que divulgam pensamentos clandestinos ou revolucionários, os panfletos são taxados como coisas de segunda ordem, coisas que não merecem muito crédito, escritas com um claro e premeditado espírito combativo. Anônimos ou não, os panfletos querem convencer, defendem um determinado ponto de vista com uma linguagem direta. São os panfletos, na verdade, quase sempre escritos por apaixonados. São aqueles que foram tomados por um amor pulsante que se dignam a escrever panfletos para publicá-los ou distribuí-los nas ruas. Esses apaixonados têm ainda a ousadia de acreditar quando todos os indícios apontam em direção contrária, quando algumas vezes falta cumplicidade até mesmo de quem se esperava certamente obtê-la.

---

1 HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss de Língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1422.

Bem entendido, poderíamos dizer que este livro de Andityas Soares de Moura Costa Matos é panfletário. Não no sentido que comumente se utiliza para desqualificar uma obra. Revindiquemos outro uso da palavra. Se o descrevo assim, é porque enxergo nele as qualidades de um panfleto. Embora não seja curto e tenha o cuidado acadêmico de se estender sobre conceitos e argumentações refinadas, ele é corajoso, não está fechado sobre si mesmo e expressa suas intenções desde o início. Além disso, somente pode ter sido escrito por quem está apaixonado, mais do que isso, apaixonado por uma utopia. As suas páginas se nutrem daquele amor que também compõe o nome da filosofia. Aquele amor que, se fez Tales cair no poço, fez igualmente Sócrates beber veneno para preservar suas ideias. Esse amor esquecido. Esse amor que se confunde com o calor da juventude quando um jovem decide estudar filosofia nos nossos dias, mas que muitas vezes esmorece ao longo dos anos como professor sob os golpes dos prazos e da vida acadêmica diária.

A filosofia política contemporânea – mas também as outras filosofias por motivos didáticos não predicadas de contemporâneas ou políticas – vive a tensão entre a sua instrumentalização e a rebeldia. Este livro optou pelo segundo caminho, evidentemente mais árduo. Como salienta o professor Oswaldo Giacoia Junior na apresentação que inaugura suas páginas, ele “avança um passo no heroico caminho rumo ao resgate da mais autêntica e originária vocação filosófica”.<sup>2</sup> Isto porque, escreve o autor, “há muito tempo a filosofia se tornou uma disciplina inócua que em nada se relaciona à realidade social, limitando-se a ser objeto de discussões acadêmicas especializadas e desvinculadas de quaisquer práticas libertárias”.<sup>3</sup> Nossos filósofos se reúnem em algum ambiente acadêmico, um auditório por exemplo, apresentam textos bem fundamentados e depois voltam para a casa como se nada houvesse acontecido. Alguns dos congressos dos quais participam recordam aquelas linhas de montagem das fábricas, nas quais o tempo é controlado por uma rígida programação, tão feroz que ninguém tem tempo de escutar o outro e dialogar. Quando a filosofia é enclausurada

---

2 MATOS, 2014, p. 10.

3 MATOS, 2014, p. 19.

em uma disciplina escolar ou universitária, ela cumpre o papel de constranger o alunado a estudar algo que não deseja, porque afinal é preciso discipliná-lo. Chegam até mesmo a tomar os filósofos por professores de boa ética, onde boa ética designa uma conduta inteiramente adaptada ao sistema. Aí acaba de vez o amor. Pior é quando a filosofia deixa de ser perigosa, quando esquecemos que o filósofo é um causador de problemas, que tem a vocação de assumir responsabilidades para transformar o mundo que o cerca. Felizmente, “este livro parte de pressupostos muito diferentes ao entender que a filosofia precisa assumir os riscos de pensar o tempo-de-agora e contribuir não apenas para o seu desvelamento, mas também para sua transformação”.<sup>4</sup> Ele está atento à mensagem da aclamada frase de Karl Marx, a décima primeira das *Teses sobre Feuerbach*, de que os filósofos anteriores se limitaram a interpretar o mundo, cabendo agora transformá-lo.<sup>5</sup> Trata-se de uma filosofia política que sabe que “[...] a política não existe para servir, fundamentar, legitimar ou homologar uma ordem dada de coisas, mas para fundar outras e outras ordens, que encontrarão sua *legitimidade sempre móvel* no gesto contínuo do desafio que propõe a convivência dos diferentes”.<sup>6</sup>

Interessante é que, em plenos pulmões alemães, no país que serviu de nova sede para uma filosofia que surgiu nas antigas cidades gregas, Friedrich Nietzsche, outro apaixonado e bem vacinado contra as bactérias acadêmicas, compara os eruditos alemães a soldados que apenas obedecem. Em tom jocoso, o filósofo alemão frisa que a maior característica do povo alemão, incluídos os eruditos alemães, é a capacidade de obedecer.<sup>7</sup> Ora, o espírito germânico nos deu Marx, Freud e o próprio Nietzsche (não são poucos os que já afirmaram que não se pode compreender os séculos vinte e vinte e um, ou se iniciar na filosofia, sem conhecer os três autores). Teria então o espírito germânico transmitido com a filosofia essa

---

4 MATOS, 2014, p. 19.

5 MATOS, 2014, pp. 28-29.

6 MATOS, 2014, pp. 37-38.

7 NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 152-155. Aforismo 207.

tendência a obedecer? Se a resposta for positiva, nossos filósofos aprenderam a ser obedientes, a seguir incondicionalmente regras de conduta e de boas maneiras para manterem-se vivos e respeitados. Ou melhor, olhando mais de perto é possível verificar que nossos filósofos se permitem a desobediência apenas na medida certa, uma desobediência sem riscos.

Contra o sentimento de conforto, “a proposta deste livro consiste exatamente em propor uma filosofia radical, ou seja, uma filosofia na qual ser e práxis, pensar e fazer, discussão e decisão [...] integrem uma única realidade [...]”.<sup>8</sup> Nesse sentido se articulam filosofia radical e utopia. O seu autor compreende que “a filosofia radical só pode viver na dimensão da utopia que, mais do que um não-lugar, é o lugar por excelência: aquele que não pode se mover de si mesmo sem se perder, e que por isso traduz uma exigência absoluta: que nos dirijamos a ele”.<sup>9</sup> Está claro que há aqui um apelo à filosofia radical: arriscar-se a se perder, mover-se contra todas as intempéries, mas ainda assim mover-se. A utopia atrai nossas forças e nos faz acreditar que o mundo como o conhecemos, assim profundamente injusto, não é o único mundo possível: “A filosofia radical quer a mudança, negando-se a contemplar atônita o mundo que sempre se resolve em uma cínica negação dessa possibilidade”.<sup>10</sup>

A utopia política tem uma longa história. Em 1849, Henry David Thoreau escreveu um pequeno ensaio impregnado de indignação, cujo título homenageia a desobediência. A sua última página traz a seguinte indagação: “será a democracia, tal como a conhecemos, o último desenvolvimento possível em matéria de governo? Não será possível dar um passo mais além no sentido do reconhecimento e da organização dos direitos do homem?”.<sup>11</sup> O inquieto pensador norte-americano procura por “um Estado ainda mais perfeito e glorioso, que também imaginei, mas que ainda não

---

8 MATOS, 2014, p. 248.

9 MATOS, 2014, p. 64.

10 MATOS, 2014, p. 64.

11 THOREAU, Henry David. *A desobediência civil*. Trad. Sergio Karam. Porto Alegre: L&PM, 2011, pp. 56-57.

avistei em parte alguma”.<sup>12</sup> Precisamos de imaginação e ação. Todo o livro de Andityas Soares de Moura Costa Matos é uma resposta negativa à indagação de Henry David Thoreau, em um cenário cujo sistema dominante e trifásico – trabalho, espetáculo, especulação – nos convence diariamente do contrário. Nossa democracia, a que temos e sempre tivemos, “não sobrevive para além da dimensão farsesca”.<sup>13</sup> Nem mesmo com os gregos, o berço de uma sociedade democrática profundamente aristocrática, onde para participar da política era necessário preencher uma série de requisitos sobre os quais nem domínio se tinha. O livro anela pela “criação de estruturas radicais de democracia”,<sup>14</sup> “uma democracia radical, algo que, seja dito em alto e bom som, nunca existiu neste planeta”.<sup>15</sup> A partir da visão utópica do autor, e nisso também está a utopia, concluímos que é preciso criar algo que nunca existiu. Princípios democráticos devem nos orientar a despertar para o fato de que não vivemos em uma democracia e para nos conduzir a uma democracia de raiz. Como observa o professor Giuseppe Cocco no prefácio, se referindo às manifestações de junho de 2013 que inundaram as cidades do país, “o livro, como outros publicados no calor do levante e na fumaça dos lacrimogêneos, é um evento potente que propõe importantes ferramentas para que as lutas persistam e cheguem a radicalizar a democracia”.<sup>16</sup>

Cuida-se de um livro bem escrito. Com uma linguagem culta e acadêmica, filosófico no melhor sentido, nem por isso deixa de ser claro e acessível ao grande público. De leitura fluida, é daqueles livros em que o leitor deve escolher a hora de parar para não perder a hora dos seus compromissos. Dividido em cinco partes, transita da colocação dos conceitos e problemas com os quais quer se demorar (incluindo-se aí filosofia racial e utopia, nos dois primeiros capítulos) à análise de nossa realidade política contemporânea, à ponderação

---

12 THOREAU, 2011, p. 57.

13 MATOS, 2014, p. 54.

14 MATOS, 2014, p. 231.

15 MATOS, 2014, p. 266.

16 MATOS, 2014, p. 15.

das demandas do nosso tempo e às corajosas proposições que pululam nas páginas finais (terceiro, quarto e quinto capítulos). Alguns dos autores que povoam a mente do autor aparecem com maior frequência no texto, Karl Marx e Friedrich Engels, Walter Benjamin, Carl Schmitt, Antonio Negri e Michael Hardt, Giorgio Agamben. Mas o livro está muito longe de ser um comentário às teses desses filósofos, nem o seu autor está disposto a endossar sem massa crítica quaisquer delas. Com honestidade intelectual, sabendo em acréscimo que a filosofia acadêmica exige referências, o autor as usa para pensar as questões que o interessam.

Esta breve resenha terá cumprido o seu objetivo se tiver motivado o leitor ao manuseio do livro do professor mineiro. Antes de terminar, um recado direto para o autor: você escreve no fim da parte mais diagnóstica do livro que “sem bancos, especulação e bolsas de valores, o mundo seria incrivelmente menos brutal”.<sup>17</sup> Concordo contigo, amigo. Arrisco a dizer que sem dinheiro seria ainda melhor.

DANIEL ARRUDA NASCIMENTO

Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas.

Professor Adjunto do Instituto de Ciências da Sociedade da  
Universidade Federal Fluminense.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Ética e Epistemologia  
da Universidade Federal do Piauí.

E-mail: danielnascimento@voila.fr.

---

17 MATOS, 2014, p. 166.